

Cadernos Temáticos

de Ciências Gerenciais - Textos para Reflexão



Leia nesta edição:

Contabilidade de custos avançado: análise do sistema de custeio da empresa TNT Logistic - Filial Sete Lagoas
Ricardo Eustáquio Guimarães Rosa 2

Contabilidade de custos avançado: análise do sistema de custeio da empresa TNT Logistic - Filial Sete Lagoas
Rejane Moreira Machado, Alessandre Ferreira Neves, Claudiana Cândida Teixeira, Patrícia Aparecida Macedo, Altamiro Pereira Lima,
Leandro Farias Costa, Paulo Henrique dos Santos 2

Análise do sistema de custeio da empresa BOMBRIL S.A. com enfoque na teoria geral de sistemas
Ricardo Eustáquio Guimarães Rosa 6

O setor produtivo e a área acadêmica
Cynara Magalhães Pinto Godoi Quintão 10

Sugestões sobre o mercado de ferro gusa e o mercado têxtil em Sete Lagoas: perspectivas para o desenvolvimento
Daniane Christie Alves Pires 11

Sugestões sobre o mercado de ferro gusa e o mercado têxtil em Sete Lagoas: perspectivas para o desenvolvimento
Cláudio Heleno dos Santos 12

Sugestões sobre o mercado de ferro gusa e o mercado têxtil em Sete Lagoas: perspectivas para o desenvolvimento
Danielle Braga Valaci Pontes Ferrari 13

Sugestões sobre o mercado de ferro gusa e o mercado têxtil em Sete Lagoas: perspectivas para o desenvolvimento
Júnia Alves Pereira 14

Análise do mercado de trabalho: um estudo dos municípios de Sete Lagoas, Inhaúma e Cachoeira da Prata - Minas Gerais
Daniela Almeida Raposo Torres 15

Retrato do mercado de trabalho no município de Inhaúma - MG
Simone Maria Maciel de Souza, Angélica Mariz Martins, Diego Rodrigues Celestino, Edésio Renato dos Santos, Rafaela Viana Costa e
Jean D'Carlo Silva 16

O mercado de trabalho de Cachoeira da Prata
Ana Paula Moreira, Ana Flávia Barbosa Nunes, Amilton Carlos Gonçalves, Cláudia Gomes Alves, Daniane Christie Alves Pires, Lúcia
Helena Mendes Ferreira 18

Análise do mercado de trabalho formal de Sete Lagoas base de dados: Rais 2003 / 2004
Arlinho Garcia, Celso Henrique, Célio Aparecido, Helson Enock, Ilma Gonçalves, Karine Fernandes, Luiz Gonçalves, Valquíria Maria.....
..... 21



9

Dezembro 2006
Sete Lagoas . MG

CONTABILIDADE DE CUSTOS AVANÇADO: ANÁLISE DO SISTEMA DE CUSTEIO DA EMPRESA TNT LOGISTIC - FILIAL SETE LAGOAS

Ricardo Eustáquio Guimarães Rosa*

No processo de expansão contínua da terceirização de atividades, a prestação de serviços como auxiliar do processo produtivo tem-se revelado como um elemento freqüente na rotina de várias empresas brasileiras. No entanto, a falta de uma orientação mais consistente, no tocante aos controles de custos do meio produtivo, tem comprometido o alcance de resultados mais satisfatórios. Muitas empresas acabam não conseguindo a performance ideal nos processos por desconhecerem ou relevarem diversas técnicas no campo de controle e gestão de custos.

Reconhece-se que os sistemas tradicionais de custeio já não atendem satisfatoriamente à administração das empresas que passaram a caracterizar-se pela diversificação de atividades e processos. A estas pesa a busca pela inovação e experimentação de novas tecnologias, visando ao correto aproveitamento da atividade produtiva, bem como a uma melhor definição dos custos de seu produto final.

Pode-se definir "Custo" como a expressão monetária dos insumos utilizados para a produção de certo produto ou serviço. Os responsáveis pelo processo têm buscado resposta à questão: Quanto está custando o produto

ou serviço gerado? Os sistemas de custeio procuram responder da melhor forma possível a essa pergunta. Em diferentes contextos, sob paradigmas diversos, as empresas utilizaram ao longo do tempo procedimentos diferentes para calcular os custos dos seus produtos.

Atualmente, têm sido direcionadas pesquisas e testes, sob diferentes enfoques, para o desenvolvimento e adaptação das melhores técnicas aos controles de custos. Nesse novo cenário, percebem-se posições conflitantes entre gestores de custos e auditores sobre os procedimentos de custeio dos produtos e serviços.

O trabalho desenvolvido pelos alunos Rejane Moreira Machado, Alessandre Ferreira Neves, Claudiana Cândida Teixeira, Patricia Aparecida Macedo, Altamiro Pereira Lima, Leandro Farias Costa, Paulo Henrique dos Santos procura, por meio de uma visão sistêmica, analisar e demonstrar os procedimentos de controle de custos em uma empresa de serviços logísticos, visando o contato entre o meio acadêmico e o mercado funcional. Não são feitas críticas aos procedimentos adotados, mas uma reflexão sobre as possibilidades criadas no contexto.

CONTABILIDADE DE CUSTOS AVANÇADO: ANÁLISE DO SISTEMA DE CUSTEIO DA EMPRESA TNT LOGISTIC - FILIAL SETE LAGOAS

Rejane Moreira Machado, Alessandre Ferreira Neves, Claudiana Cândida Teixeira, Patricia Aparecida Macedo, Altamiro Pereira Lima, Leandro Farias Costa, Paulo Henrique dos Santos**

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como intuito fazer a análise dos tipos de custeios adotados pela empresa TNT Logistic Ltda, filial em Sete Lagoas.

Pelo caráter extremamente acadêmico, o trabalho apresentado não terá números reais nem qualquer tipo de ferramenta que, por ventura, possa ser usada de forma inadequada por terceiros.

A análise precisa dos custos indiretos é sempre necessária e fundamental em qualquer empresa, seja ela de prestação de serviço ou não, uma vez que esses

custos interferem, de forma expressiva e decisiva nos custos totais, sempre influenciando a formação de preços. É preciso analisar com cuidado toda e qualquer forma de custeio para que não haja distorções.

2 A ORGANIZAÇÃO EM ESTUDO

A TNT logistics filial Sete Lagoas está instalada na fábrica da Iveco Fiat do Brasil. Sua principal atividade é a prestação de serviços logísticos e de transporte.

* Especialista em Administração de Sistemas e Mestrando em Engenharia na Universidade de Itaúna.

** Graduandos do curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências Gerenciais do Centro Universitário de Sete Lagoas, Fundação Educacional Monsenhor Messias.

Com filiais em todo o território nacional e em países com Itália, Holanda e Reino Unido entre outros, a TNT atua no setor logístico, correios express e transportes. Atualmente, a TNT possui aproximadamente 4.000 funcionários no mundo e sua sede está sediada na Holanda, com grande influência no Reino Unido, onde atua com o sistema de correios Express.

A filial de Sete Lagoas possui, atualmente, cerca de 220 funcionários diretos e 90% do seu faturamento se deve à prestação de serviços logísticos (Material Handling¹) e transportes (Handling Externo²).

Seu sistema operacional contábil e gerencial é o J.D. Edwards, que, desde 2004, integrou a TNT Brasil a todas as outras unidades no mundo, trabalhando com padrão mundial.

Analisar o sistema de custeio da TNT é uma forma de buscar um pouco mais do conhecimento sobre os sistemas de custeios estudados até aqui.

3 DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

Os dados foram colhidos na TNT por uma única pessoa e as informações foram elencadas, distribuídas e analisadas pelo grupo, de acordo com a teoria já estuda.

3.1 Os Custos Não Industriais

Segundo Martins (2003), a própria história do surgimento da indústria, desde o período da Revolução Industrial (século XVII), com a produção em massa de bens, fez com que a contabilidade de custos estivesse, por muito tempo, voltada para o setor industrial.

Já nas empresas de serviço, a utilização dos custos de forma similar à indústria, passou a ser utilizada pela necessidade de controle em diversos segmentos.

Em empresas onde somente existem despesas, por não haver estocagem de produtos, passou-se também a utilizar o termo custo, justamente por haver uma certa semelhança com a indústria e por produzirem algum tipo de bem, quase sempre intangível.

Assim, o uso da terminologia é perfeitamente compreensível em empresas do ramo de serviço. A palavra custo também pode ser associada a preço original de aquisição de qualquer bem ou serviço, que também pode ser confundido com preço de aquisição de um bem como uma casa ou de um serviço.

Falar de custos em Contabilidade de Custos refere-se a bens ou serviços utilizados na produção de outros bens e serviços, fato este que, por consequência lógica, leva a entidade a gerar receita. Quando isso não ocorrer, esse mesmo custo deve ser classificado como despesa ou mesmo perda dependendo da situação. Trazer esta terminologia, como via de regra acontece, é a forma como a Contabilidade de Custos tem para evitar uma confusão que se generaliza para aqueles que são leigos no assunto.

3.2 Sistemas de Custeio

Para Rosa (2006), os sistemas de custeio refletem a forma como os custos são registrados e tratados dentro da entidade. Classificam e separam os custos dos estoques de produção em andamento e de produtos acabados. Semelhantes aos custos, os sistemas de custeio são classificados de acordo com a característica que lhe é peculiar. (QUADRO 1)

¹ Movimentação interna de material.

² Movimentação externa de material.

QUADRO 1 - Sistemas de Custeio

Características	Classificação
Mecânica de acumulação	Ordem de produção: quando são transferidos para determinadas solicitações de fabricação. Adequado para empresas que produzem bens ou serviços sob encomenda, apresentam demanda intermitente ou fabricação de lotes com características próprias. Processo: quando a empresa é caracterizada por apresentar produção contínua, com produtos apresentados em unidades idênticas, produção em massa e demanda constante.
Grau de absorção	Por absorção: quando os custos indiretos são transferidos aos produtos ou serviços. Direto: quando, no cálculo do custo dos produtos ou serviços produzidos, apenas os custos diretos - isto é, os que estão associados de forma clara aos produtos - são incorporados. Custos indiretos são considerados periódicos e lançados diretamente no Demonstrativo de Resultado do Exercício, não sendo incorporados ao cálculo do custo dos produtos e serviços.
Momento de apuração	Pós-calculados: equivalem aos custos reais apurados no final do período. Pré-calculados: representam o custo alocado ao produto, mediante taxas pré-determinadas de CIF, elaboradas com base na média dos CIF's passados, em possíveis mudanças futuras e no volume de produção. Padrão: custo cientificamente pré-determinado, constituindo base para avaliação do desempenho efetivo. Representa o quanto o produto deveria custar.
Variável	Não inclui, em seus cálculos, os custos indiretos. Entra em questão a figura da margem de contribuição. Este sistema de custeio não é aceito pela legislação fiscal.
ABC	Substitui a figura do rateio por direcionadores e possui como fator preponderante a atividade.
GECON	Cria atividades com receitas próprias

Fonte: Adaptado de ROSA, Ricardo Guimarães, 2006. p. 3 e 4.

O Sistema de custeio por absorção, assim como os demais, possui características próprias, e algumas destas características o fazem mais utilizado entre as empresas porque:

- atende às exigências societárias e fiscais e está de acordo com os princípios contábeis e com as normas da legislação tributária;
- consiste em apropriar aos produtos todos os custos incorridos no processo de fabricação, sejam eles diretos, indiretos, fixos ou variáveis;
- as despesas de vendas, administrativas e outras não incorporam o custo do produto.
- valora melhor os estoques (que absorvem custos

fixos e variáveis);

- aplica todos os custos a todos os produtos, sendo apropriados ao resultado quando da venda dos respectivos produtos;
- sugere, para o usuário externo, a divisão da empresa em duas partes: a fábrica e a atividade comercial;
- apura o custo ocorre somente após "rateio" dos custos indiretos;
- os custos fixos totais independem de oscilações do volume fabricado;
- aponta apurações distorcidas em cada mês do custo unitário total por produto.

3.3 Análise do Sistema de Custeio da TNT Logístics

Martins (2003) explica que departamento é a unidade mínima administrativa para a Contabilidade de Custos, representado por pessoas e máquinas com desenvolvimento de diversas atividades. O fato de cada departamento ter um representante é uma forma da Contabilidade de Custos conceituar departamento à responsabilidade de uma pessoa. Os departamentos de serviço ou mesmo conhecido como departamento de apoio ou staff, por não terem seus custos diretamente relacionados ao objetivo da empresa, têm seus custos distribuídos ou rateados aos departamentos que dele se beneficiam.

Ainda segundo Martins (2003, p. 66), “na maioria das vezes um Departamento é um Centro de Custos, ou seja, nele são acumulados os Custos Indiretos para posterior

alocação aos produtos (Departamentos de Produção) ou a outros Departamentos (Departamentos de Serviços)”. Na TNT de Sete Lagoas, a prestação de serviço é a atividade fim. O serviço de transportes e revenda de materiais representa uma pequena parte do seu faturamento total. Em todo o Brasil, a TNT está dividida em filiais e cada filial, dividida em contratos que substituem o termo departamento (FIG 1). Cada contrato possui seu próprio código de identificação, como exemplo, 4000621 CKD³ da filial Sete Lagoas.

Em cada filial, existem os departamentos de apoio ou “departamentos de serviço” cuja função é garantir que os departamentos de produção de serviço tenham um funcionamento coordenado e organizado, como exemplo a Contabilidade, o Departamento Financeiro, Controle Operativo, Recursos Humanos, Segurança do Trabalho, Manutenção e Tecnologia da Informação.

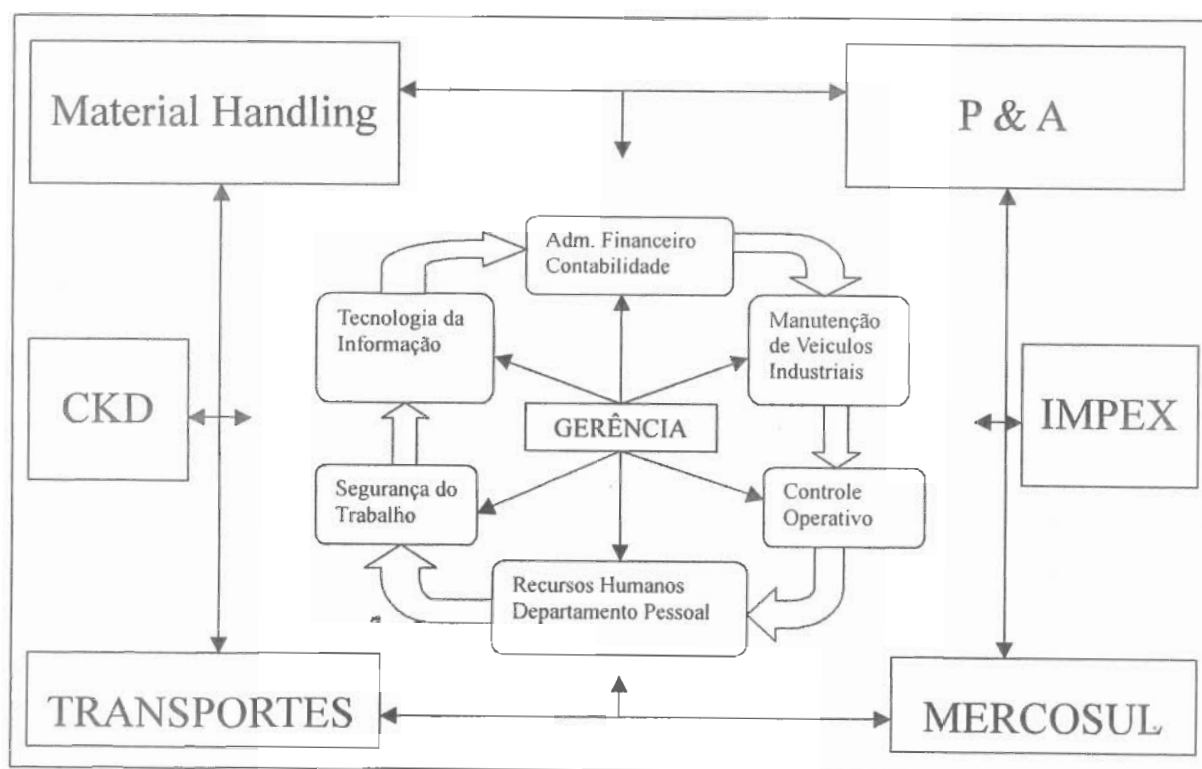


FIGURA 1 - Sistema de departamentalização TNT Logístics.

Fonte: Base de Informações TNT Logístics

Sempre ao final de cada mês, o setor de Controladoria e o gerente de contrato fazem as análises dos contratos, buscando as informações dos resultados obtidos em cada mês. De posse dessas informações, o gerente toma as decisões para os meses e até anos subsequentes.

As informações relativas aos custos são lançadas no sistema operacional da empresa pelo setor Administrativo-financeiro e de Recursos Humanos, baseados em notas fiscais e lançamentos de folha de pagamento, completando os custos com mão-de-obra. Cada setor, seja do contrato ou de apoio, faz lançamentos por meio dos pedidos de compras nos quais são montadas as infor-

mações sobre o centro de custo que receberá o custo ou a despesa, juntamente a conta contábil a que se refere o item da compras, completando a classificação contábil. Esse pedido de compras, quando relativo à despesa com setores de apoio ou que sejam relativos a mais de um contrato, é lançado mediante rateio previamente instruído pelo setor contábil.

As informações relativas à folha de pagamento são lançadas como custo direto de cada contrato desde que não sejam relativas aos setores de apoio. Os setores de apoio, como custos indiretos, são rateados a cada filial (site), posteriormente a cada contrato (setor).

³ CKD – “complety know down” – completamente desmontado.

Esses conjuntos de informações dependem de algumas variáveis que influenciam no faturamento e na receita de cada filial. No caso da filial de Sete Lagoas, as variáveis dependem do que reza o contrato com cada cliente, seja ele com custo fixo ou variável. Como exemplo, é o caso da hora-extra, que tem seu custo variável dependente exclusivamente da solicitação do cliente. Também existem custos que são variáveis de acordo com a quantidade de veículos produzidos. Nesse caso, é calculada uma quantidade relativa ao efetivo de mão-de-obra para executar os serviços de apoio logístico, sendo fixo o valor unitário de receita e o custo total de mão-de-obra.

O sistema contábil da TNT filial Sete Lagoas, assim como em todas as filiais do Brasil e do mundo, é integrado. Com ele, um custo indireto referente a um setor de apoio que atua no Rio de Janeiro, por exemplo, pode ser lançando tranqüilamente pela filial do Rio, bastando-se ao emitir-se um pedido de compras, classificar a conta contábil do lançamento referente ao custo ou parte do custo a que se refere o contrato. Esse sistema trabalha as informações via WEB e, por isso, consegue uma maior rapidez no processamento de dados.

Com esse sistema, a TNT consegue manter, de um único lugar, o controle sobre todas as suas filiais, bastando, apenas, que os lançamentos contábeis sejam feitos, de forma correta e coesa, conforme os procedimentos internos da instituição.

Para Martins (2003), ter o controle sobre toda situação financeira de uma empresa é conhecer a origem de cada receita e o destino de cada despesa, controlando limites de valores, conhecendo bem e em tempo hábil as distorções que os números causam ou podem causar, sempre tomando as decisões necessárias a uma maior harmonia de todo o sistema. Esse conceito é aplicável a qualquer setor ou atividade de uma empresa que toma por base manter um controle rígido e constante sobre seus custos e despesas, sempre atuando em cima das

discrepâncias.

4 CONCLUSÃO

Pelo presente trabalho, concluiu-se que, apesar de um rígido controle interno, com diversas ferramentas de apoio, como, por exemplo, um sistema operacional de primeiro mundo, a TNT Logística pode obter resultados surpreendentes caso venha a implantar um sistema de custeio diferente do utilizado. O custeio por absorção, apesar de ser um tipo de controle que atende tanto aos princípios contábeis quanto ao fisco, possui um agravante em sua aplicação. O rateio dos custos indiretos é uma constante preocupação entre os estudiosos de custos. Distribuí-los de forma harmônica e precisa é uma tarefa não muito fácil quando se trata de grandes instituições como a TNT, que está presente em diversos segmentos do mercado e em diversos pontos do Brasil.

Evitar problemas principalmente quando há risco de falha humana, buscando um sistema de custeio que extinga a figura do rateio é uma solução que pode trazer grandes benefícios à empresa. A TNT tem que se aproveitar do renome que possui em seu segmento e as ferramentas de gestão que possui e tentar buscar um diferencial ainda maior entre as grandes empresas. Para isso, é necessário que se façam mais investimentos em seu capital intelectual, seu maior bem, visando a excelência de seus negócios e a garantia de crescimento e prosperidade no segmento.

REFERÊNCIAS

MARTINS, Eliseu. *Contabilidade de custos*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ROSA, Ricardo Guimarães. *Contabilidade de custos*. Sete Lagoas: UNIFEMM, 2006. Apostila

ANÁLISE DO SISTEMA DE CUSTEIO DA EMPRESA BOMBRIL S.A. COM ENFOQUE NA TEORIA GERAL DE SISTEMAS

Ricardo Eustáquio Guimarães Rosa*

Atualmente, em um mundo cada vez mais competitivo, onde se encontra aumentada a velocidade da tomada de decisões, existe uma imposição às empresas de buscarem novos meios de controles nos mais diversos processos de sua atividade. Os sistemas produtivos preconizados por Ford não atendem aos crescentes requisitos para garantir a permanência da empresa em um ambiente de mudanças constantes.

A área industrial foi um dos setores em que se evidenciou a maior necessidade de mudanças, exigindo

aumento da eficiência dos sistemas de produção. Os gestores de custos têm demonstrado uma grande preocupação com fatores estratégicos de sua área, tais como o custo do produto, controle de desperdícios e avaliação de processos. Essas questões tornam-se importantes em um momento em que o mercado é o principal fator para determinação do preço do produto final e o gerenciamento dos custos têm sido primordial para o sucesso das organizações.

Observando-se os sistemas de custeio tradicionais,

* Especialista em Administração de Sistemas e Mestrando em Engenharia na Universidade de Itaúna.

conclui-se que os mesmos foram desenvolvidos com o objetivo de avaliação de inventários, visando a elaboração das demonstrações contábeis e fiscais. Entretanto, tais sistemas já não atendem aos gestores que buscam uma melhor avaliação de suas áreas funcionais, em que se necessita de dados com maior precisão e oportunidade, de forma a estabelecer o melhor setup produtivo de sua organização.

A visão de empresas baseadas em sistemas procura ver a organização como um sistema unificado, voltado para um fim e formado por partes que se relacionam e compõem diversos processos, inclusive aqueles pertinentes à produção.

O gerente de produção procura estabelecer o controle de produção, fabricando produtos padronizados para manter o máximo de eficiência a custos baixos.

O mesmo profissional, orientado para os sistemas, só tomaria as decisões de programação da produção após ter identificado seu efeito sobre outros departamentos e sobre toda a organização. Esse fato determina que os gerentes não podem operar inteiramente dentro do organograma tradicional. As relações sistêmicas são fatores chave no sucesso do processo e levam em conta as relações entre departamentos, gerentes e pessoas envolvidas no processo.

O trabalho desenvolvido pelos alunos Claudirene Barreto, Cyntia Amorim, Débora Araújo, Jacqueline Moreira, Josiane Oliveira apresenta uma situação real de avaliação de processos pertinentes à área de custos, por meio do estudo das formas adotadas por uma empresa industrial da área de produtos de limpeza, localizada na região de Sete Lagoas.

ANÁLISE DO SISTEMA DE CUSTEIO DA EMPRESA BOMBRIL S.A. COM ENFOQUE NA TEORIA GERAL DE SISTEMAS

Claudirene Barreto, Cyntia Amorim, Débora Araújo, Jacqueline Moreira, Josiane Oliveira*

1 INTRODUÇÃO

Diante da realidade competitiva que as empresas enfrentam, seja ela de pequeno ou de grande porte, qualquer esforço em busca das melhores práticas existentes irá requerer um alto grau de conhecimento. Conhecimento esse que a diferenciará de grande parte das empresas. Apesar dessa premissa, empregar técnicas sem primeiro conhecer o que ela pode oferecer é um risco muito grande para uma organização. A tomada de decisão numa empresa deve ter apoio em diversos tipos de dados, inclusive nos relacionados a custo, conforme o relatado neste estudo.

Neste artigo, são abordados os conceitos de métodos de custeio e outros conceitos básicos pertinentes ao tema e analisado o sistema de contabilidade de custos, baseado na Teoria Geral de Sistemas, usado na Bombril S.A.

2 ORGANIZAÇÃO EM ESTUDO

A organização em estudo é uma empresa de sociedade anônima, capital aberto no ramo de fabricação de produtos de limpeza e polimento, cuja produção é descentralizada em três fábricas: São Bernardo do Campo/SP, Abreu e Lima/PE e Sete Lagoas/MG, unidade para a qual este trabalho está voltado. Há, ainda, os centros de distribuição nas três fábricas, centros de distribuição em Poços de Caldas e Uberlândia e centrais

de vendas no Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre e Goiânia.

A Bombril S.A - Sete Lagoas/MG foi inaugurada em 1987 tendo em sua linha de produção apenas a lâ de aço. Durante 17 anos, tinha como atividade a produção de lâ de aço e servia como centro de distribuição. Em 2004, devido à estratégia de mercado, a Bombril S.A Sete Lagoas entra em um processo de troca de linha de produção, desativando a produção de lâ em Minas Gerais, para iniciar um novo processo de fabricação de saponáceo, cremoso, pedra e pó.

Instalada na Av. Prefeito Alberto Moura, n.º 6.300, no bairro Santa Rita, CEP. 35.702-383, na cidade de Sete Lagoas/MG, inscrita no CNPJ. 50.564.053/0005-37 e Inscrição Estadual 672.422.792.00-95, com 117.506,00 m², sendo 7.011,58 m² de área construída, a unidade de MG conta com 100 funcionários.

Devido à paralisação mencionada, a empresa obteve faturamento apenas nos três últimos meses. A receita bruta anual (outubro, novembro e dezembro) foi de R\$ 16, 8 milhões, com produção em torno de 600 toneladas ao mês. Da atual linha de produção, saponáceos, a Bombril detém em torno de 74% do mercado consumidor e vem conquistando seu espaço por meio das inovações nos produtos oferecidos.

3 OBJETIVOS

Este trabalho teve por objetivo apresentar o sistema

* Graduandos do curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências Gerenciais do Centro Universitário de Sete Lagoas, Fundação Educacional Monsenhor Messias.

de contabilidade de custos existente na empresa, métodos de custeio, sistema de acumulação e tipo de custo utilizado e verificar ainda se esse controle está atendendo às necessidades e expectativas tanto da empresa como das pessoas envolvidas.

4 RELAÇÃO DO TEMA COM A GESTÃO DE CUSTO

A atual conjuntura econômica mundial exige que as empresas mantenham um sistema de informações complexo, mas flexível às mudanças em seu ambiente organizacional. Dessa forma, a elaboração e o controle dos custos empresariais tornam-se indispensável para o sucesso da organização, pois um sistema de custeio é a base do sistema de informação voltado à tomada de decisão.

Se a empresa está obtendo sucesso com o sistema implantado, ela conseguirá manter-se no mercado com vantagens competitivas. Além disso, conseguirá baixar seus custos e gerar informação útil para tomada de decisões.

5 DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

5.1 Teoria Geral de Sistemas

Por causa da globalização e da tecnologia, as empresas estão sempre discutindo e implantando novos planos de gestão para conseguir o máximo de desempenho na produção, com um mínimo de perdas e desperdícios. Devido à concorrência, elas precisam sempre estar na frente, buscando interagir de tal forma a obter o retorno desejável.

As empresas que visam crescimento precisam se ver como algo mais do que a mera junção de áreas, ou seja, é necessário considerar-se como um sistema. Segundo Bio (1985), sistema "é um conjunto de elementos interdependentes, ou um todo organizado, ou partes que interagem formando um todo unitário e complexo".

Em outras palavras, sistema pode ser definido como uma entidade que tem a capacidade de manter certo grau de organização em face de mudanças internas ou externas, um conjunto de elementos em interação, segundo determinadas leis para atingir um objetivo específica.

A função de um sistema é converter matérias-primas em geral que são retirados do ambiente externo, para transformá-las em produtos para serem vendidos, ou melhor, devolvidos ao ambiente externo.

Com toda evolução existente no ambiente empresarial, a Bombril S/A não podia ficar de fora e, por esta razão, ela atualmente adota um sistema integrado de gestão ERP (Enterprise Resource Planning) conhecido como R3 ou SAP. Com ele, as atividades se tornam mais eficazes, pois auxilia na montagem de relatórios contábeis que facilitam e agilizam toda a Contabilidade, tida como monótona, atrasada e difícil.

O sistema de custos envolve um processo. (FIG.1)

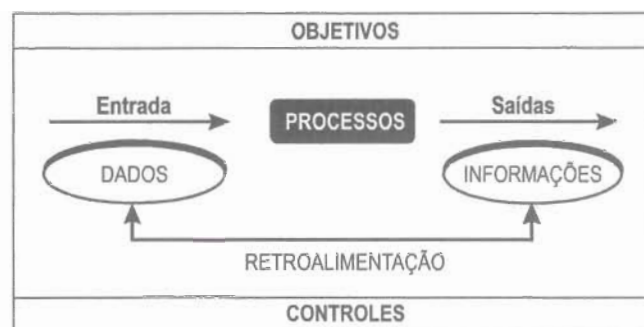


FIGURA 1 - Sistema de Contabilidade de Custos

5.2 A Contabilidade de Custos na Bombril S.A.

O processo visualizado na Bombril S.A apresenta desde a entrada de matéria-prima até a saída de produto acabado para venda.

5.2.1 Tipos de dados

A empresa atua no segmento de indústria de higiene e limpeza, fabrica produtos químicos e busca do mercado fornecedor, inclusive fora do Estado, matéria-prima e outras mercadorias que são classificadas como custos indiretos de produção. A variação econômica e o governo influenciam nessas aquisições, por esse motivo são incluídos nos dados externos. Já os dados internos são compostos por pessoal, ou seja, mão-de-obra direta e indireta, máquinas, produção, contabilidade, entre outros.

5.2.2 Processamento

Conforme já citado, a empresa utiliza um sistema integrado de gestão SAP que coleta e acumula os dados para gerar informações necessárias direcionada a cada área a qual organiza, analisa e interpreta esses dados de acordo com suas necessidades. O sistema, além de fornecer dados para cada departamento, é capaz de disponibilizar informações integradas para os gestores.

5.2.2.1 Sistemas de acumulação por ordem de produção

Leone (2000, p. 192) afirma que "o Sistema de Custos por Ordem de Produção é um sistema no qual cada elemento de custo é acumulado separadamente, segundo ordens específicas de fabricação, emitidas pela área industrial, de serviços ou comercial."

Martins (2003) diz que os custos são acumulados numa conta específica para cada ordem ou encomenda. O tratamento contábil dado a esse tipo de sistema de acumulação consiste na acumulação dos custos em contas específicas do ativo. Essas contas recebem custos até o encerramento da ordem. Com o encerramento da ordem, o custo é transferido para estoques de produtos acabados ou custos dos produtos vendidos (CPV).

A empresa em estudo utiliza ordem de produção para efeito de acumulação de seus custos. Ela realiza uma programação das quantidades que serão necessárias para suprir a demanda de determinado mês. Após a programação, a produção trabalha com base nas quantidades apuradas.

5.2.2.2 Métodos de custeio

5.2.2.2.1 Custeio por absorção

De acordo com Dutra (2003), o método de Custeio por Absorção é o mais utilizado quando se trata de apuração de resultado e consiste em associar aos produtos e serviços os custos que ocorrem na área de elaboração.

Além disso, Dutra (2003, p.226) afirma “esse método, que satisfaz aos Princípios Fundamentais de Contabilidade, não considera as despesas como integrantes dos estoques dos bens e serviços, mas todos os custos aplicados em sua obtenção”.

Esse custeio é utilizado para fins contábeis, societários e fiscais, na apresentação de relatórios externos. Ele apropria todos os custos no produto, tanto os custos diretos como os indiretos, os variáveis e os fixos, isto é, todos os custos com Material Direto (MD), Mão-de-Obra Direta (MOD) e os Custos Indiretos de Fabricação (CIF), que são alocados e rateados aos produtos fabricados no período, vendidos ou não.

Esse custeio para fins gerenciais não é muito utilizado devido aos problemas encontrados no momento de ratear os custos indiretos (variáveis e fixos) aos produtos. Além disso, algum rateio de forma inadequada pode gerar informações distorcidas para tomada de decisões.

Martins (2003, p.38) diz que “[...] apesar de não ser totalmente lógico e de muitas vezes falhar como instrumento gerencial, é obrigatório para fins de avaliação de estoques (para apuração do resultado e para o próprio balanço).”

Por esse método não atender a todas as necessidades que a empresa precisa no sentido de oferecer informações que auxiliem na tomada de decisões estratégica, a organização em estudo utiliza-o apenas para fins fiscais.

5.2.2.2.2 Custeio variável

O conceito de custeio variável surgiu pelo fato de as empresas terem seus custos fixos independentes do nível de produção efetiva e pela principal necessidade de cada produto gerar recursos acima de seus custos e despesas variáveis, sendo o excesso, por menor que seja, uma contribuição para absorver custos e despesas fixos (DUTRA, 2003).

Mais um item relevante a se levar em conta é o citado pelo Leone (2000, p. 323) “o critério do custeio variável não é aceito legalmente.”

Em outras palavras, o método de custeio variável é utilizado para fins internos e gerenciais, é caracterizado

pela separação entre os custos fixos e variáveis. Ele aloca aos produtos apenas os custos variáveis, apurando, assim, a margem de contribuição que é muito utilizada no processo decisório. Os custos fixos são subtraídos da margem de contribuição total sem rateios.

A empresa utiliza esse método de custeio, ou seja, variável, para efeito de controle e tomada de decisões.

5.2.2.3 Tipo de custo: custo-padrão ou standard

O Custo-Padrão é considerado o melhor custo para controle, pode ser usado tanto com o custeio por absorção como o custeio variável.

Para Perez Jr, Oliveira e Costa (2003, p.154),

conceitua-se custo padrão como aquele determinado, a priori, como sendo o custo normal de um produto. É elaborado considerando um cenário de bom desempenho operacional, porém levando em conta eventuais deficiências existentes nos materiais e insumos de produção, na mão-de-obra etc.

O custo padrão pode ser classificado como ideal, corrente e estimado. O mais utilizado entre eles é o corrente por ser mais válido e prático, além de não ser impossível de se alcançar.

Martins (2003) afirma que o custo ideal é fixado com base em condições ideais de qualidade de materiais, mão-de-obra, volume de produção, etc. É extremamente restrito por servir para apenas comparações realizadas no máximo uma vez ao ano. Já o corrente, é fixado com meta para o próximo período para um determinado produto ou serviço, mas com a diferença de levar em conta as deficiências. É um valor que a empresa considera difícil de ser alcançado, mas não impossível.

Durante o mês, a empresa utiliza os dados históricos, realiza algumas alterações em relação a valores e apura o custo, porém, no final do mês, considera o valor real para efeito de apuração.

5.2.3 Informação

5.2.3.1 Necessidades gerenciais

A Bombril S.A., com este sistema de custo implantado, obtém informações instantâneas e precisas sobre os dados apurados no processo de produção.

Com eles, ela consegue usar os relatórios com a finalidade de programar seus custos e despesas no decorrer de suas operações com eficiência e eficácia.

A apresentação de relatórios fidedignos e ágeis facilita e proporciona o controle para tomada de decisões gerencial, de vital importância para a continuidade da organização no mercado.

5.2.3.2 Objeto de custeamento

É importante que as empresas possuam uma estrutura organizacional para que, por seu intermédio, haja

possibilidade de apropriação de custos, fornecendo informações úteis para complementação da apuração do custo do produto.

De acordo com Perez Jr, Oliveira e Costa (2003, p.43), "define-se departamento como sendo uma unidade operacional representada por um conjunto de homens e/ou máquinas de características semelhantes, desenvolvendo atividades homogêneas dentro de uma mesma área."

Dentro de uma organização, existem vários departamentos, porém para a contabilidade de custos, interessam apenas os departamentos que atuam sobre o produto. Para isso, foram criados dois tipos de departamentos: o de produção e o de serviço.

Martins (2003) diz que departamentos de produção são aqueles que promovem qualquer tipo de modificação sobre o produto diretamente, já os de serviços nem recebem o produto, vivem basicamente para execução de serviços auxiliares.

A partir do momento que a estrutura departamental da empresa é definida, nota-se que quase sempre um departamento é um centro de custos, isto é, nele serão apropriados os custos indiretos para posterior apropriação aos produtos fabricados. Centro de Custos é a menor unidade acumuladora de custos indiretos. (PEREZ JR, OLIVEIRA e COSTA, 2003).

Ainda segundo Perez Jr, Oliveira e Costa (2003, p.46), "pode-se afirmar que a departamentalização é indispensável a uma empresa na qual se pretende efetuar uma correta apropriação dos custos indiretos aos produtos fabricados ou aos serviços prestados."

A empresa em estudo é dividida em vários departamentos, cada um é identificado por um centro de custo, conforme explicado pelos autores acima. Por existir um sistema integrado de gestão, tudo é controlado desde o momento de entrada até a saída, ou seja, desde a entrada de insumos até a saída em forma de produto.

6 CONCLUSÃO

A contabilidade de custos já tem sua resposta para

as necessidades informativas das empresas que estão adotando tecnologias avançadas. Um bom controle de custos é de suma importância.

A implantação de um método de custeio em uma empresa se torna eficiente quando embasada em situações concretas, pois cada empresa melhor se adaptará a um método de custeio de acordo com suas características, não podendo ser padronizadas em um só tipo.

Diante do que foi analisado na organização estudada, percebe-se que a Bombril S.A está conseguindo atender as suas necessidades de produção e gerenciais com satisfação e desempenho por meio de sistema de custos implantado.

Na Bombril S.A, as informações obtidas através dos relatórios são repassadas para seus gestores em tempo hábil, com isso eles criam estratégias para que a empresa consiga alcançar seus objetivos e conseqüentemente fazem projeções para resultados em longo prazo.

REFERÊNCIAS

BIO, Sérgio Rodrigues. *Sistemas de informação: um enfoque gerencial*. São Paulo: Atlas, 1985

BOMBRIL S.A. Disponível em: <<http://www.bombril.com.br/empresa/historico/tehistorico1.shtml>>. Acesso em: 29 jun.2006.

DUTRA, René Gomes. *Custos: uma abordagem prática*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEONE, George S. G. *Curso de contabilidade de custos*. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2000.

MARTINS, Eliseu. *Contabilidade de custos*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PEREZ JR., José Hernandez; OLIVEIRA, Luis Martins de; COSTA, Rogério Guedes. *Gestão estratégica de custos*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

O SETOR PRODUTIVO E A ÁREA ACADÊMICA

Cynara Magalhães Pinto Godoi Quintão*

Visando a aproximação entre o setor produtivo e a área acadêmica, a Faculdade de Ciências Gerenciais tem oferecido a seus alunos palestras e debates que propiciem o conhecimento da economia setelagoana, apresentado por aqueles que a movimentam. Com esses eventos, busca-se proporcionar ao corpo discente de seus diversos cursos a oportunidade de uma reflexão consistente sobre o mercado, sua economia, sua repre-

sentação para o país, bem como sobre o papel de todos na sociedade.

As resenhas apresentadas a seguir se referem às palestras proferidas pelo Diretor Executivo da Siderúrgica Paulino (SIDERPA) e representante do Sindicato da Indústria de ferro no Estado de Minas Gerais (SINDIFER), Sr. Márcio Prates Ferreira Paulino Neto e pelo Gerente de Desenvolvimento de Produtos da Cedro-Cachoeira, Sr.

* Coordenadora do Curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Gerenciais, Centro Universitário de Sete Lagoas, da Fundação Educacional Monsenhor Messias.

Márcio Prates Ferreira Paulino Neto e pelo Gerente de Desenvolvimento de Produtos da Cedro-Cachoeira, Sr. Leonardo Ferreira Mazzoni. Tais palestras foram apresentadas no dia 14 de agosto de 2006, em comemoração ao Dia do Economista, cujo tema foi "O ferro-gusa e a indústria têxtil em Sete Lagoas: Perspectivas para o

desenvolvimento".

A partir dos eventos, foram levantados questionamentos e feitas reflexões sobre o tema desenvolvido nas palestras. O resultado disso, na visão de futuros economistas, está apresentado a seguir.

REFLEXÕES SOBRE O MERCADO DE FERRO GUSA E O MERCADO TÊXTIL EM SETE LAGOAS: PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO

Daniane Christie Alves Pires*

Representando o setor, pela SINDIFER e a firma, pela SIDERPA, Márcio Paulino Neto iniciou a palestra, pontuando os assuntos a serem abordados: características da produção, fatores que afetam a competitividade das empresas (nível microeconômico) e do setor (nível macroeconômico) e as perspectivas futuras para o mercado industrial em questão.

Segundo Márcio Paulino Neto, Sete Lagoas se insere na região noroeste de Minas Gerais, a qual possui 27 empresas do setor de um total de 84 instaladas em Minas e 46 alto-fornos, dos 184 instalados. A produção total da região na qual Sete Lagoas está inserida foi de 244550 toneladas, cerca de 74% do total, em 2005.

A produção de ferro-gusa corresponde ao mercado de competição perfeita, pois produz um produto não-diferenciado, têm uma grande transparência de mercado e permite a livre entrada e saída de firmas do mercado. Em alguns casos, pode adquirir características de um oligopsonio, pois é um mercado em que muitos são os produtores e poucos são os compradores, dando aos últimos um poder de decisão sobre o preço com o qual o produto deve ser comercializado.

O mercado de ferro, interno e externo, tem sofrido variações ao longo dos últimos dez anos:

- Entre 1996 e 1999, o mercado se manteve estável, mas a níveis abaixo do desejável.

- Em janeiro de 1999, houve o fim da crise do setor, com o aumento do dólar. Porém, devido à baixa capitalização, os preços continuaram baixos.

- Entre 2000 e 2004, iniciou-se um processo de arrendamento nas empresas: houve uma diminuição nas barreiras, uma maior autonomia dos compradores e uma exigência do mercado de um controle ambiental.

- Entre 2004 e 2005, houve alta do dólar e um aumento das vendas, devido o consumo de ferro pela China.

- Agora, em 2006, esse ápice tem decaído devido ao valor não-favorável do dólar.

O mercado de ferro enfrenta basicamente 3 riscos: o preço do produto, influenciado pelos compradores, o dólar e suas variações, devido às políticas econômicas adotadas e os custos de produção.

Para amenizar tais fatores, é necessário que as firmas identifiquem e ampliem vantagens estratégicas que:

- reduzam os custos já que, em se tratando de um mercado competitivo, o produtor não consegue influenciar no preço,

- agreguem valor ao produto, pela melhoria da qualidade da produção e da comercialização de produtos intermediários

- e promovam a diferenciação do produto com a obtenção dos certificados de qualidade internacionais.

Márcio Paulino Neto citou ainda que há barreiras à entrada de firmas no mercado referentes à responsabilidade social e ao cumprimento da ABN99. Dentre estas barreiras, está o fato de que toda firma deve ter, em estoque, no mínimo, sete anos do volume de árvores que consome no mesmo período, garantindo, assim, o reforestamento e a reposição à natureza do consumo.

Após a palestra sobre o ferro-gusa, teve início a palestra sobre o mercado têxtil, presidida por Leonardo Mazzoni, representando a CEDRO CACHOEIRA.

Leonardo Mazzoni abriu a palestra fazendo um histórico da CEDRO CACHOEIRA, desde 1872, com a fundação da primeira firma, até o ano de 2005, quando o conglomerado industrial de 5 fábricas corresponde a 3ª maior indústria no segmento em riqueza, a 5ª indústria que mais cresceu e a 2ª maior indústria em volume de vendas no âmbito nacional. (dados levantados pela revista EXAME, em 2005).

Expôs, também, a atenção da CEDRO CACHOEIRA para:

- inovações, a fim de promover a diferenciação do produto e criar novos processos de produção,

- qualidade, agindo padrão de especificações internacionais,

- valor, por meio da negociação e austeridade com o consumidor,

- agilidade no atendimento, pelo conhecimento da demanda e antecipação aos concorrentes.

Essas estratégias empresariais mantêm a empresa no patamar em que se encontra.

Hoje, a CEDRO CACHOEIRA destina 21% de sua

*: Graduanda do 3º ano do curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Gerenciais do Centro Universitário de Sete Lagoas, Fundação Educacional Monsenhor Messias.

produção à moda, 32% ao vestuário profissional e 47% da produção em jeans. Faz parte do nível 1 da Bovespa, já que exerce a governança cooperativa: transparência e equilíbrio entre o investidor e os envolvidos no processo produtivo. Além disso, assume seu compromisso de responsabilidade social, mantendo 5% do seu quadro de pessoal composto por pessoas com necessidade especiais, adotando uma estação de tratamento para a água utilizada e trocando, gradativamente, o uso de combustível mineral por gás natural no processo produtivo.

Em relação ao setor têxtil nacional, Leonardo Mazzoni trouxe dados que revelaram que sua produção corresponde a 17% do PIB gerado pela indústria de transformação no Brasil. Além disso, é a 2ª maior empregadora do setor e a 1ª em geração de emprego, apesar de ter enfrentado um decréscimo no seu quadro de funcionários a partir de 1990, só conseguindo estabilizar-se em 2000.

A indústria têxtil nacional vem enfrentando uma crise, gerada pela entrada de concorrentes estrangeiros, desde

a década de 1990. Os baixos preços do tecido estrangeiro que chega ao Brasil, cerca de 5 US\$/kg, em relação aos outros países como os EUA - que cobram cerca de 16,1US\$/kg pelo produto importado - e o contrabando praticado no país - das 31 mil toneladas de tecido que a China exportou para o Brasil, em 2005, apenas 19 mil foram registradas em nossas alfândegas - agrava ainda mais a situação do setor.

O Brasil não é competitivo no exterior porque possui juros muito altos, que encarecem a produção. Além disso, não possui nenhuma política tributária que beneficie o setor. O resultado disso é que, em 2005, houve uma perda de R\$584 milhões em impostos não recolhidos e uma redução de 26.825 empregados no setor têxtil.

É urgente a implantação de uma política cambial mais favorável, um fortalecimento da cotonicultura no país, somado a proteções tarifárias para que ocorra um crescimento do setor têxtil, segundo Leonardo Mazzoni.

REFLEXÕES SOBRE O MERCADO DE FERRO GUSA E O MERCADO TÊXTIL EM SETE LAGOAS: PERSPECTIVA PARA O DESENVOLVIMENTO

Cláudio Heleno dos Santos*

O palestrante Marcio Paulino Neto – Sindifer/Siderpa, iniciou sua fala mostrando a importância da siderurgia para Sete Lagoas e para o país. O setor gera 20.000 empregos diretos e 60.000 empregos indiretos, em todo o país, sendo a região de Sete Lagoas responsável por 30% da produção de gusa.

O palestrante definiu a indústria do gusa como de concorrência perfeita por não oferecer barreiras a entradas de novas firmas, entre outras características, e chamou atenção para as transformações do setor, que devido à legislação ambiental atual passa a se comportar como um oligopólio, já que o carvão vegetal, insumo essencial à fabricação de gusa, torna-se cada vez mais escasso, tendo de contar com reflorestamento próprio para garantir o abastecimento desse insumo para produção. Por outro lado, o setor tem vantagens ambientais no processo produtivo, podendo futuramente vender créditos de carbono por não estar poluindo o meio ambiente.

Um dos maiores problemas do setor é a flutuação da taxa de câmbio, pois os produtos são voltados ao mercado externo e essas flutuações podem favorecer ou prejudicar as empresas. Como ilustração, foi citado o período de 1994 a 1999 em que o Real estava valorizado frente ao dólar, e isso trouxe consequências desastrosas para muitas firmas, que chegaram a quebrar.

Concluindo, pode-se dizer que o setor passa por um período delicado, devido a fatores externos e internos, como taxa de câmbio, taxa de juros elevada, falta de

linhas de créditos para viabilizar investimentos, falta de infra-estrutura para escoar a produção, preço do produto e dos insumos, dentre outros.

Sobre o setor têxtil e a importância da Cedro Cachoeira, Leonardo Mazzoni, Gerente de Desenvolvimento de Produtos da empresa, mostrou a evolução da indústria têxtil, sob uma perspectiva histórica, relacionando a criação e o crescimento da Cedro Cachoeira, que é centenária e possui, hoje, 5 unidades, com 3.000 colaboradores além de apresentar as certificações ISO9001 e 14001, sendo a 2ª maior empresa do ramo, em termos de rentabilidade.

De acordo com o palestrante, a Cedro Cachoeira é uma empresa que investe em qualidade, buscando a antecipação dos gostos dos clientes, em automação e em técnicas que preservam o meio ambiente. Além de se ater à responsabilidade social, já que distribui dividendos aos seus funcionários e emprega portadores de necessidade especiais.

Sobre as fragilidades do setor têxtil, tendo em vista a concorrência com produtos estrangeiros, sobretudo os chineses, Leonardo Mazzoni apontou a política de taxas de juros altas e a elevada carga tributária como os responsáveis pela perda de competitividade dos produtos nacionais. Salientou, ainda, que a falta de fiscalização e políticas de combate à pirataria favorece a entrada de produtos no mercado interno, com preços mais baixos que os nacionais.

* Graduando do 4º ano do curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Gerenciais do Centro Universitário de Sete Lagoas, Fundação Educacional Monsenhor Messias

REFLEXÕES SOBRE O MERCADO DE FERRO GUSA E O MERCADO TÊXTIL EM SETE LAGOAS: PERSPECTIVA PARA O DESENVOLVIMENTO

Danielle Braga Valaci Pontes Ferrari *

Foram ministradas duas palestras referentes a empresas de grande importância para a região de Sete Lagoas.

A primeira palestra tratou da indústria de ferro-gusa, sendo realizada pelo Diretor Executivo da Siderpa e representante do Sindifer, o engenheiro civil Márcio Paulino Neto.

Inicialmente, foram apresentados dados sobre esse ramo industrial, tais como centros produtores, empregos gerados, produção, etc. Os dados apresentados podem ser obtidos no site www.sindifer.com.br. No momento da apresentação, ficou claro a vantagem estratégica que a região de Sete Lagoas possui para o desenvolvimento desse ramo industrial.

Dando sequência à exposição, o palestrante passou a tratar de um modelo econômico que mais se aproximasse da realidade do seu ramo de atividade industrial, referindo-se ao modelo de concorrência perfeita. E, a partir das características desse modelo, ou seja, a partir da teoria estudada pelo seu público, o palestrante passou a demonstrar a relação entre a teoria e a prática.

Os pontos levantados foram com relação a produtos diferenciados, transparência do mercado, facilidade de entrada e saída de empresas no setor e o lucro zero. E, a partir dessas informações teóricas, foi mostrada a realidade do mercado que afasta do proposto pelo modelo.

Primeiro, quanto ao produto obtido ser homogêneo, não é verdade, pois existem várias qualidades de ferro-gusa, tanto é que, em matéria de qualidade e diversidade, a região de Sete Lagoas ganha vantagem em comparação com o restante dos produtores de ferro-gusa no Brasil.

Com relação ao lucro zero, o palestrante apresentou gráficos que demonstram o desempenho deste setor produtivo, ficando claro que as chances não são longas, mas há oportunidades que devem ser aproveitadas. Por exemplo, o período de 2004 a 2005, esse setor industrial teve um lucro muito bom devido à crescente demanda por ferro-gusa no mercado chinês e devido também ao dólar favorável.

Já em relação à entrada no setor, foram levantadas as questões ambientais e florestais, que dificultam o ingresso nesta indústria devido ao alto capital investido em plantação de eucalipto para produção do carvão vegetal, matéria-prima do setor, e reflorestamentos.

Continuando no assunto sobre o meio ambiente, o palestrante trouxe informações de que o processo de produção do ferro-gusa com a utilização do carvão vegetal, que é o utilizado em Sete Lagoas, gera um saldo positivo de O₂ ao invés da produção com fósseis que produz CO₂. Esse saldo positivo é vantajoso tanto para o

meio ambiente quanto para a empresa devido à possibilidade de vender cotas, crédito de carbono, como prevê o Protocolo de Kyoto.

Finalizando sua exposição, o palestrante falou sobre as perspectivas futuras do setor, sintetizada pela competitividade, que engloba a redução de custos (melhoria do processo, utilização de resíduos, redução das perdas e verticalização da cadeia produtiva), agregação de valor ao produto (melhoria na qualidade metalúrgica do ferro-gusa e desenvolvimento de novos produtos) e diferenciação de seus competidores (busca por certificações, aproximação com os clientes finais, capitalização de vantagens de utilização de recursos renováveis).

Vale observar ainda que, durante sua apresentação, o palestrante destacou a importância do desenvolvimento de pesquisas acadêmicas que possam ser aplicadas pelas empresas brasileiras.

Já a segunda palestra, foi realizada pelo Gerente de Desenvolvimento de Produtos da Cedro Cachoeira, uma empresa bastante importante no ramo das indústrias têxteis no Brasil, a qual já possui 134 anos de experiência no mercado.

O palestrante, Leonardo Mazzoni, apresentou como se encontram as 5 (cinco) unidades que compõem o grupo industrial em foco, as conceituações positivas que recebeu a Cedro Cachoeira, por exemplo, sua boa classificação na pesquisa realizada pela Revista Exame, e os números de destaque, como o seu faturamento ser proveniente em 92% do mercado interno e 8% do externo.

Falou sobre a identidade organizacional da empresa que é VESTIR e, também, expôs sobre o foco da empresa que é inovação (competência para romper com conceitos e práticas ultrapassadas); qualidade (tradução da busca pela excelência em todos os atos e atitudes, ou seja, conformidade com a necessidade); valor (preocupação com os impactos financeiros em todas as decisões); agilidade (capacidade de antecipar necessidades e implementar ações).

O palestrante também demonstrou como a empresa se classifica no mercado de ações, estando no nível 1 na Bovespa.

A empresa também se preocupa com a área social, realizando programas de gestão escolar. Na reserva, na Serra do Cipó, realizam-se estudos sobre o potencial energético, estação de tratamento de água e um museu com a história têxtil. Assim, a empresa possui um bom balanço social e um bom sistema de qualidade, demonstrando que esta empresa foi feita para durar.

Na sequência, foram discutidas as perspectivas para

* Graduada do 4º ano do curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Gerenciais do Centro Universitário de Sete Lagoas, Fundação Educacional Monseñor Messias.

o setor, sendo esta parte, em meu ponto de vista, a mais interessante da exposição.

Quanto às perspectivas, foram colocados pontos cruciais para o desenvolvimento do Brasil como um todo, mas, principalmente, para o desenvolvimento do setor têxtil. Estes pontos são:

1) A educação (que também foi tema da primeira palestra com o mesmo enfoque), demonstrando a necessidade de se ampliar a mão-de-obra especializada que é demandada pelos setores industriais, visto que, na realidade brasileira, à medida que as indústrias crescem, fica cada vez mais difícil suprir as necessidades do homem;

2) A questão tributária, pois enquanto as empresas nacionais arcam com alta carga tributária, as importações entram em nosso país sem muitos encargos, principalmente, quando comparado com o protecionismo existente em outros países;

3) A pirataria que, devido à falta de fiscalização, representa o abastecimento de grande parte do mercado con-

sumidor e, quando esta fiscalização ocorre e apreende mercadorias pirata, estas acabam entrando no mercado interno por meio de leilões realizados pelos próprios setores de fiscalização;

4) Os juros altos existentes no Brasil, demonstrando que as empresas brasileiras perdem a competitividade devido ao montante de juros pagos. No caso da indústria têxtil, os juros possuem grande peso negativo na competição. A China, por exemplo, ultimamente, é um dos principais concorrentes das indústrias brasileiras neste setor.

Finalizando a palestra, foram apresentadas sugestões que melhoraram o setor além da redução dos impactos dos problemas acima expostos, sendo que uma delas seria o desenvolvimento do setor de confecções no Brasil. O palestrante concluiu que, apesar dos pesares, as perspectivas do mercado mundial são boas, sendo que até 2014 deve dobrar sua produção em comparação com a de hoje.

REFLEXÕES SOBRE O MERCADO DE FERRO GUSA E O MERCADO TÊXTEL EM SETE LAGOAS: PERSPECTIVA PARA O DESENVOLVIMENTO

Júnia Alves Pereira *

Márcio Paulino Neto, diretor executivo da SIDERPA, trabalha no setor de gusa há 15 anos. A brilhante palestra que nos foi por ele oferecida apresentou o tema "Ferro-gusa em Sete Lagoas: perspectivas para o desenvolvimento", tema de suma importância para nós, graduandos em Economia.

Para caracterização geral do setor ferro-gusa, o palestrante exibiu tabelas que demonstraram a quantidade de cidades onde há siderúrgicas. Minas Gerais é responsável por 60% da produção de gusa do Brasil, sendo que 30% do produto é produzido em Sete Lagoas.

A região de Sete Lagoas é a maior produtora não integrada de ferro-gusa. A não integração dá-se porque o gusa é o produto final deste pólo.

O Brasil é um grande produtor de ferro-gusa, o maior produtor a partir de biomassa, porque, em nenhum outro lugar do mundo, empresas do setor têm possibilidade de utilizar a biomassa - recurso natural - como fonte de energia.

O ferro-gusa tem vários substitutos, como a sucata de ferro, os restos de produtos de autopeças. Desta forma, ele é um produtor indiferenciado, pois o gusa é uma commodity.

As barreiras de entradas são baixas, assim, constitui-se em concorrência perfeita. Segundo Paulino Neto, o mercado de aciaria é um mercado de oligopsônio, pois possui poucos compradores e vários vendedores, passando

a ser um mercado de concorrência não tão perfeita.

As barreiras de entrada diminuíram a partir do momento que passaram a ter um controle ambiental maior. Uma barreira que funciona bem é a florestal, porque o capital empregado é muito alto. É necessário ter um estoque de floresta de pelo menos sete anos para fazer o carvão para a própria empresa, porque no Brasil não havia linhas de longo prazo.

O preço do carvão, do gusa e do minério de ferro são três variáveis importantes para o setor. O carvão vegetal e o minério de ferro são essências para a produção de ferro-gusa. A produção do gusa está sujeita a três riscos: o risco do preço, do dólar e do custo.

Ao final da palestra, Márcio ressaltou que, para que haja competitividade entre as empresas, é preciso identificar e ampliar as vantagens estratégicas, reduzir custos, agregar valor ao produto e diferenciar-se de seus competidores.

A segunda palestra, proferida por Leonardo Mazzoni, gerente de desenvolvimento de produtos da Cedro Cachoeira, mostrou a importância da indústria têxtil.

Em 1873, foi criada a indústria Cedro Cachoeira, em Caetanópolis e Inimutaba. Hoje, a Cedro Cachoeira, com fábricas em Caetanópolis, Pirapora e Sete Lagoas, tem como missão "criar valor com tecidos e serviço de qualidade, contribuindo para o sucesso de seus clientes".

* Graduanda do 3º ano do curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Gerenciais do Centro Universitário de Sete Lagoas, Fundação Educacional Monsenhor Messias.

Os valores que dão diretrizes para que a missão da empresa seja cumprida são: construção do futuro, sucesso do cliente, geração de valor, responsabilidade social, valorização das pessoas, comprometimento, integridade e transparência.

A Cedro Cachoeira é a primeira companhia de capital aberto privado do país e a terceira maior do setor têxtil. Só a indústria de Sete Lagoas emprega cerca de 1010 trabalhadores. Sua produção vai desde a recepção do algodão até o tecido tingido e estampado.

A sustentabilidade da empresa, o crescimento e a permanência da empresa no mercado são essenciais para uma boa gestão. O foco central da Cedro Cachoeira é a inovação, qualidade, valor e agilidade. A inovação requer competência para romper com conceitos e práticas

ultrapassadas. Para que haja qualidade nos produtos oferecidos ao cliente, é preciso ter conformidade com a necessidade, buscar excelência em todos os atos e atitudes. Valores são importantes, por isso é necessária a preocupação com os impactos financeiros em todas as decisões. A agilidade requer capacidade de antecipar necessidades e implantar ações.

Buscar o equilíbrio no próprio retorno ao investir e todos aqueles que estão interligados na empresa é governança corporativa. Esta funciona melhor quando as relações dentro do mercado são transparentes, ou seja, há uma visão de todo o mercado.

A Cedro Cachoeira foi eleita pela revista "Exame" como a melhor empresa do Brasil no setor têxtil.

ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO DOS MUNICÍPIOS DE SETE LAGOAS, INHAÚMA E CACHOEIRA DA PRATA - MINAS GERAIS

Daniela Almeida Raposo Torres *

Os anos 90 se caracterizam por um processo de abertura comercial abrangente, que se inicia no governo Collor e se estende até o governo Fernando Henrique. Com a implantação do Plano Real, em meados de 1994, a economia brasileira caminha para uma nova fase do processo de abertura comercial. A condução da política de importações passa a desempenhar papel relevante na estabilização dos preços e na correção de algumas alíquotas de importação, de modo a resguardar os setores mais afetados pelas medidas de liberalização comercial adotadas em 1990.

Ainda nesse período, os efeitos da Constituição de 1988 se fazem sentir sobre o mercado de trabalho brasileiro. Medidas como garantia de liberdade de atuação dos sindicatos, redução da jornada de trabalho, aumento da multa por demissão, redução na idade e no tempo de contribuição para a aposentadoria e consequente aumento da contribuição previdenciária acarretam acréscimos no custo unitário do trabalho, criando efeitos deletérios sobre o nível de emprego.

O principal impacto sobre o mercado de trabalho foi uma queda da qualidade da ocupação no Brasil, tendo em vista o crescimento da taxa de desemprego aberto ao longo da década e a elevação da participação do emprego informal nas regiões metropolitanas. Além disso, há uma depreciação do rendimento médio real no período

entre 1985 e 2003 do poder de compra dos trabalhadores empregados na atividade principal, com considerável piora no final da década de 90. (IPEA, 2003).

Diante desse quadro, ampliam-se, nos últimos anos, os leques de entendimento do funcionamento do mercado de trabalho para que se possam tirar conclusões de políticas que visem à melhoria da qualidade da ocupação e do nível de rendimento. Com o intuito de contribuir com esse tema, resolveu-se fotografar o mercado de trabalho formal em alguns municípios de Minas Gerais no período mais recente.

Os trabalhos a seguir têm como objetivo principal levantar informações sobre o mercado de trabalho nos municípios de Sete Lagoas, Inhaúma e Cachoeira da Prata. Para tanto, descreve-se o comportamento das variáveis referentes ao mercado de trabalho, tais como gênero, escolaridade, idade, setores de atividade, para as localidades citadas, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e Censo Demográfico. Esses trabalhos fornecem um importante informativo sobre o mercado de trabalho da região e subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas municipais.

A partir dessas informações, busca-se delinear o retrato do mercado de trabalho municipal.

* Doutoranda em Teoria Econômica pelo Centro de Desenvolvimento Regional - CEDEPLAR/UFMG. Professora e Coordenadora do NEES da Faculdade de Ciências Gerenciais, Centro Universitário de Sete Lagoas, da Fundação Educacional Monsenhor Messias.

RETRATO DO MERCADO DE TRABALHO NO MUNICÍPIO DE INHAÚMA - MG ¹

Simone, Angélica, Diego, Edésio, Rafaela e Jean *

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho foi analisar e visualizar com maior entendimento as principais características do mercado de trabalho do Município de Inhaúma, Minas Gerais, utilizando dados estatísticos publicados por organismos oficiais (FJP, IBGE) tratados e analisados para atingir o objetivo deste estudo.

A cidade de Inhaúma encontra-se na região central de Minas Gerais, a 85 km de Belo Horizonte. É um município de pequeno porte, com área territorial de 245,51 km². Em julho do ano de 2005, sua população estimada era de 5.464 habitantes (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO - FJP, 2006).

2 MERCADO DE TRABALHO MUNICIPAL

Pode-se observar na TAB. 1 que, em 1970, estima-se a população residente de 3.761 mil pessoas. Destas, cerca de 1414 encontravam-se inseridas na zona urbana e 2.347 mil na zona rural.

No final do período demonstrado, em 2005, o contingente populacional aumentou para 5.464 mil, havendo, assim, uma variação de 1.703 mil pessoas para o ano em questão.

A partir dessas informações, busca-se delinear o retrato do mercado de trabalho municipal.

TABELA 1

População Residente por local de moradia: 1970 - 2000 / 2005

ANOS	URBANA	RURAL	TOTAL
1970	1.414	2.347	3.761
1980	1.901	1.957	3.858
1991	2.726	2.040	4.766
2000	3.464	1.729	5.193
2005 ⁽¹⁾			5.464

Fontes: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI)

(1) Dados preliminares

O total populacional estimado pela FJP (2006) em 2000 era de 5.193 mil pessoas, desse universo populacional, as pessoas de 10 anos ou mais de idade, apresentam

uma variação em torno do conjunto populacional de 81%, sendo distribuído da seguinte forma: 42 % para o sexo masculino e 39% sexo feminino. (TAB.2)

TABELA 2

Pessoas de 10 anos ou mais de idade, economicamente ativas por sexo - 2000

Variável	Sexo	Município - Inhaúma
Pessoas de 10 anos ou mais de idade (Pessoas)	Homens	2.148
	Mulheres	2.041
	Total	4.189

Fontes: IBGE - Censo Demográfico

¹ Trabalho apresentado à Disciplina de Economia do Trabalho, sob orientação da Prof^a. Daniela Almeida Raposo Torres.

* Graduandos do curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Gerenciais do Centro Universitário de Sete Lagoas, Fundação Educacional Monsenhor Messias.

Segundo informações constantes da TAB. 3, uma significativa parcela da população se declara parda, 53,8%. Outros 37,2% declararam-se de cor branca e somente 8,7% se consideraram de cor negra. Da população declarada branca, mais de 70% se encontram na cidade..

Como demonstra a TAB. 3, 66,7% da população se encontra na zona urbana. Mas nota-se que a diferença entre homens e mulheres na área urbana é pequena, 0,52% a mais para as mulheres. Em relação à área rural, a variação é maior para os homens, sendo de 3,45%.

TABELA 3

População residente por cor ou raça, sexo, situação do domicílio e grupos de idade - INHAÚMA / MG - 2000

Sexo	Situação do Domicílio	Cor ou Raça					Total
		Branca	Preta	Parda	Indígena	Sem Declaração	
Homens	Urbana	651	185	883	-	-	1.719
	Rural	300	82	568	-	5	955
Mulheres	Urbana	700	155	887	4	-	1.746
	Rural	280	29	457	10	-	776
Total		1.931	451	2.795	14	5	5.196

Fontes: IBGE - Censo Demográfico

No que tange à formalidade, a proporção do conjunto de empregados, sem carteira de trabalho assinada, sobre o total de ocupados, ficou em torno de 48,65%, em 2000,

enquanto os empregados com carteira de trabalho assinada registraram 36,81% sobre o total. (TAB. 4)

TABELA 4

Pessoas de 10 anos ou mais idade, ocupadas na semana de referência, com rendimento do trabalho principal, Valor do rendimento nominal médio mensal e Valor do rendimento nominal mediano mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com rendimento do trabalho principal por sexo e posição na ocupação, subgrupo e categoria do emprego e contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal.

Posição na ocupação, subgrupo e categoria do emprego e contribuição p/ instituto de previdência oficial no trabalho principal				
Município MG	Empregados	Empregados - com carteira de trabalho assinada	Empregados - militares e funcionários públicos estatutários	Empregados - outros sem carteira de trabalho assinada
inhaúma	1.850	681	269	900

Fontes: IBGE - Censo Demográfico

Os dados da TAB. 5 mostram que as mulheres que ganham mais de 10 a 15 salários mínimos têm um tempo de estudo maior que os homens. Enquanto eles têm um tempo de 11 a 14 anos, elas têm um tempo de 15 anos

ou mais. Entretanto, os homens atingiram a faixa de até mais de 30 salários, com um tempo de estudo de 4 a 7 anos.

TABELA 5

Pessoas de 10 anos ou mais de idade por grupos de anos de estudo, sexo e classes de rendimento nominal mensal - Inhaúma / MG - 2000

Sexo	Grupos de anos de estudo	Classes de rendimento nominal mensal: salários nominais								
		Mais de 1 a 2	Mais de 2 a 3	Mais de 3 a 5	Mais de 5 a 10	Mais de 10 a 15	Mais de 10 a 15	Mais de 15 a 20	Mais de 30	Sem Rendimento
Total	*1.688	620	243	145	120	5	6	11	6	532
Homens	S/ inst. e (-) de 1 ano	83	12	8	-	-	-	-	-	20
	1 a 3 anos	158	40	47	22	-	-	-	-	166
	4 a 7 anos	239	126	57	36	-	-	11	6	303
	8 a 10 anos	98	39	13	14	-	6	-	-	30
	11 a 14 anos	42	26	15	43	5	-	-	-	13
	15 anos ou mais	-	-	5	5	-	-	-	-	-
TOTAL GERAL	*3.129	864	348	190	144	8	6	11	6	1.552
Mulheres	S/ inst. e (-) de 1 ano	33	-	-	-	-	-	-	-	66
	1 a 3 anos	29	3	4	-	-	-	-	-	209
	4 a 7 anos	71	26	15	8	-	-	-	-	526
	8 a 10 anos	28	-	-	-	-	-	-	-	108
	11 a 14 anos	77	68	20	4	-	-	-	-	111
	15 anos ou mais	6	8	6	12	3	-	-	-	-
Total	*1.441	244	105	45	24	3	0	0	0	1.020

Fontes: IBGE - Censo Demográfico

Nota: 1 - Dados da Amostra

2 - Salário mínimo utilizado: R\$ 151,00

3 - A categoria Sem Rendimentos inclui as pessoas que receberam somente em benefícios.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do estudo realizado, alguns pontos relevantes ficaram evidentes. No que tange aos atributos pessoais, constatou-se que, no município de Inhaúma, a mão-de-obra

feminina tem menor participação no mercado de trabalho; o valor do rendimento médio delas é menor que dos homens nas regiões citadas e o número de trabalhadores sem carteira assinada no município é bastante significativo.

O MERCADO DE TRABALHO DE CACHOEIRA DA PRATA - MG ¹

Ana Paula, Ana Flávia, Amilton, Cláudia, Daniane, Lúcia Helena *

1 INTRODUÇÃO

Os indicadores de mercado de trabalho são importantes para monitorar as condições de vida da população, principalmente se considerarmos que significativa parcela do rendimento domiciliar provém da atividade ou ocupação exercida pelos componentes do domicílio. O artigo retrata dados qualitativos e quantitativos do mercado de trabalho da cidade mineira de Cachoeira da

Prata, tentando, por meio deles, construir um perfil de sua população economicamente ativa.

2 MERCADO DE TRABALHO MUNICIPAL

Pode-se verificar pela TAB. 1 que a população de Cachoeira da Prata é predominantemente urbana, região onde se localiza, em média, 91% da população total. Se

¹ Trabalho apresentado à Disciplina de Economia do Trabalho, sob orientação da Profª. Daniela Almeida Raposo Torres.

* Graduandos do curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Gerenciais do Centro Universitário de Sete Lagoas, Fundação Educacional Monsenhor Messias.

forem considerados todos os anos analisados, a população urbana cresceu de 2200 em 1970 para 3547, em 2000, enquanto a população rural sofreu variações de ordem negativa: de 253 habitantes, em 1970, viu sua população crescer para 380 habitantes em 1980 e rapidamente

decair para 249 habitantes ao fim de 1991, caracterizando o processo de êxodo rural vivenciado pela cidade. Após essa data, a população rural praticamente se estabilizou.

TABELA 1

População residente por local de moradia: 1970 - 2000 / 2005

ANOS	URBANA	RURAL	TOTAL	VARIAÇÃO (%)
1970	2.200	253	2.453	
1980	2.521	380	2.901	+ 18
1991	3.407	249	3.656	+ 26
2000	3.547	231	3.778	+ 3
2005 ^(PROJEÇÃO)			3.858	+ 3

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Segundo informações da TAB. 2, do total da população residente, 3190 têm 10 anos ou mais de idade, o que

representa 84,3% da população total. As mulheres são maioria, com 52,8% do total populacional.

TABELA 2

População residente por sexo com 10 ou mais anos de idade - 2000

Sexo	Nº Pessoas	% do Total
Homens	1.504	47,2
Mulheres	1.686	52,8

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Desse universo, a população ocupada com 10 anos ou mais de idade, no ano de 2000, totaliza 1387 pessoas, o que corresponde a 36,7 % do total populacional,

distribuída pelos setores econômicos de acordo com a TAB. 3.

TABELA 3

População ocupada por setores econômicos - 2000

Setor	Nº Pessoas	Participação
Agropecuário, Extrativo, Pesca	125	9
Industrial	472	34,1
Comércio de Mercadorias	168	12,1
Serviços	622	44,8

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

O setor de serviços é o principal empregador da cidade, absorvendo 44,8% da mão-de-obra local, seguido de perto pelo setor industrial, destino de 34,1% da população ocupada. Os setores econômicos de comércio de mercadorias e agropecuário, extrativo e pesca absorvem os 21% de mão-de-obra restante.

Quanto ao rendimento nominal mensal demonstrado na TAB. 4, observa-se que existem no município 1173 pessoas que não possuem nenhum tipo de rendimento, correspondendo a 31,05% do contingente populacional. Apenas 2017 pessoas apresentam algum tipo de ren-

dimento, abrangendo cerca de 53,4% do contingente populacional em 2000, dos quais 54,8% são homens que recebem em média R\$ 448,16 e 45,2% são mulheres com média salarial de R\$ 317,19 (salário mínimo vigente de 2001: R\$ 151,00). Quanto ao nível de rendimento, quase 70% da população sobrevive com até 2 salários mínimos ao mês, sendo que a parcela que recebe menos de 1 salário mínimo corresponde a mais de 35% desse montante. 1173 pessoas não possuem nenhum tipo de rendimento, correspondendo a 31,03% do contingente populacional total.

TABELA 4

Rendimento Nominal Mensal - 2000

Rendimento Nom. Mensal	Nº Pessoas	% Participação
Até 1 salário mínimo	713	35,3
Mais de 1 a 2 salários mínimos	690	34,2
Mais de 2 a 3 salários mínimos	189	9,4
Mais de 3 a 5 salários mínimos	199	9,9
Mais de 5 a 10 salários mínimos	148	7,3
Mais de 10 a 20 salários mínimos	65	3,2
Mais de 20 salários mínimos	12	0,6

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Por fim, segundo informações da TAB. 5, o setor que possui mais unidades instaladas na cidade e o maior número de funcionários é o comércio, com 73 unidades distribuídas pela cidade e 166 funcionários; uma média de 2,27 empregados por unidade. Quanto ao pagamento de salário aos seus funcionários, o setor de administração pública se destaca, remunerando 100% do seu pessoal com, no mínimo, o salário mínimo. É também o

setor que apresenta o maior número de funcionários por unidade, cerca de 19,83 pessoas por unidade.

O setor mais bem remunerado é o de intermediações financeiras.

Com apenas 5 funcionários distribuídos por suas 5 unidades, gera uma remuneração anual

R\$ 85.000,00, pagando, em média, a cada funcionário, R\$ 1416,67 por mês.

TABELA 5

Distribuição das pessoas ocupadas por renda e setor econômico

SETOR	Nº Unid. Locais	Pessoal Ocupado	Média Pes/ Unid.	Pessoal Ocupado Assalariado	% do Total Ocupados	Salários Anuais (em reais)	Salários Médio Pes / Ano	Salários Médio Pes / Mês
Agricultura, Pecuária, Silvicultura e Pesca	4	15	3,75	6	40	17.000	1.133,33	94,44
Indústria Extrativa	1	-	-	-	-	-	-	-
Indústria Transformação	15	47	3,13	18	38,3	107.000	2.276,6	189,72
Construção	17	126	7,41	84	66,68	278.000	2.206,35	183,86
Comércio	3	3	1	-	-	-	-	-
Alojamento e Alimentação	73	166	2,27	75	45,2	313.000	1.885,54	157,12
Transporte, Armazenagem	15	24	1,6	11	45,8	310.000	1.291,67	107,64
Comunicação	9	13	1,44	2	15,4	24.000	1.846,15	153,85
Intermediação Financeira	5	5	1	3	60	85.000	17.000	1.416,67
Atividades imobiliárias, Aluguéis	33	146	4,42	93	63,7	1.138.000	7.794,5	649,5
Administração Pública	6	11	19,83	119	100	956.000	8.033,6	669,46
Educação	2	-	-	-	-	-	-	-
Outros Serviços	18	12	0,67	4	33,33	19.000	1.583,33	131,94

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Nota: - Dado não disponível

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise realizada, algumas evidências mostraram-se relevantes. No que se refere aos atributos pessoais, constata-se que a mão-de-obra feminina tem menor participação no mercado de trabalho no município de Cachoeira da Prata. Além disso, o valor do rendimento

médio delas é menor que dos homens na região citada.

No que tange ao setor de atividade, observa-se que a maioria dos trabalhadores de Cachoeira da Prata está ocupada no setor de serviços, o maior empregador deste município.

ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL DE SETE LAGOAS BASE DE DADOS: RAIS 2003 / 2004 ¹

Arilho Garcia, Celso Henrique, Célio Aparecido, Helson Enock, Ilma Gonçalves, Karine Fernandes, Luiz Gonçalves, Valquíria Maria *

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho foi levantar informações sobre o mercado de trabalho no município de Sete Lagoas por meio da Relação anual de informações sociais (RAIS), tendo como anos-base 2003 e 2004. Para tanto, descreve-se o comportamento das variáveis referentes ao mercado de trabalho, tais como gênero, faixa etária, grau de instrução, faixa de remuneração média e setor de atividade dos trabalhadores. Foram verificadas e analisadas as principais diferenças entre um ano e outro.

2 PRELIMINARES EMPÍRICOS

2.1 Base de Dados e Definição das Variáveis

Os dados da cidade de Sete Lagoas nos anos de 2003 e 2004 extraídos da RAIS são referentes aos setores de extração mineral, indústria de transformação, serviços de utilidade pública, construção civil, comércio, ser-

viços, administração pública e agropecuária, segundo as variáveis gênero, faixa etária, faixa de remuneração média e grau de instrução.

A RAIS é um censo anual do mercado formal de trabalho. Além de permitir a identificação dos trabalhadores que terão acesso ao abono salarial, as informações coletadas permitem à sociedade conhecer quantos são os empregos criados e diversas características do mundo do trabalho.

2.2 Análise dos Dados

De acordo com as TAB. 1 e 2, na variável gênero, comparando 2003 e 2004, houve um aumento geral no total de pessoas empregadas em todos os setores, exceto para o setor de serviços de indústria de utilidade pública. A maioria empregada é do sexo masculino nos setores pesquisados, para os dois anos. Porém, no setor de administração pública, as mulheres são maioria, tanto em 2003 quanto em 2004.

TABELA 1

Distribuição dos trabalhadores segundo gênero

Variáveis	Gênero	Masculino	Feminino
Extração Mineral	2003	181	18
	2004	214	27
Ind. de Transformação	2003	9.450	1.765
	2004	11.213	2.134
Serv. Ind. Utilidade Pública	2003	440	93
	2004	426	88
Construção Civil	2003	749	31
	2004	1.066	56
Comércio	2003	4.629	2.868
	2004	5.120	3.180
Serviços	2003	5.275	4.979
	2004	5.348	5.107
Adm. Pública	2003	1.352	2.554
	2004	1.408	2.697
Agropecuária	2003	765	116
	2004	951	149

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados da Rais 2003 e 2004.

TABELA 2

Distribuição percentual segundo gênero

	% Masc. 2003	% Masc. 2004	% Fem. 2003	% Fem. 2003
Extração Mineral	0,51	0,55	0,05	0,07
Ind. de Transformação	26,80	28,62	5,00	5,45
Serv. Ind. Utilidade Pública	1,25	1,09	0,26	0,22
Construção Civil	2,12	2,72	0,09	0,14
Comércio	13,13	13,07	8,13	8,12
Serviços	14,96	13,65	14,12	13,03
Adm. Pública	3,83	3,59	7,24	6,88
Agropecuária	2,17	2,43	0,33	0,38

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados da Rais 2003 e 2004.

Segundo informações da TAB 3, o comércio é o maior empregador da mão-de-obra setelagoana até 17 anos, seguido do setor de serviços para o período analisado. No entanto, a faixa etária com o maior número de pessoas empregadas na cidade é a de 30-39 anos, destaque para o setor de indústria de transformação e serviços. A

¹ Trabalho apresentado à Disciplina de Economia do Trabalho, sob orientação da Prof^a. Daniela Almeida Raposo Torres.

* Graduandos do curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Gerenciais do Centro Universitário de Sete Lagoas, Fundação Educacional Monsenhor Messias.

faixa etária com mais de 65 anos é a que menos é empregada, pelo fato da grande maioria já ser aposentada e não existir um mercado que demande essa mão-

de-obra. E, a faixa etária de 18 a 24 anos, ingressantes no mercado de trabalho setelagoano, detém 22% da força de trabalho.

TABELA 3

Distribuição dos trabalhadores segundo faixa etária

Variáveis	Período	Faixa Etária						
		Até 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 64	65 +
Extração Mineral	2003	0	38	28	28	49	19	2
	2004	1	51	39	39	50	22	3
Ind. de Transformação	2003	49	2.248	2.047	2.047	2.379	877	22
	2004	100	3.042	2.448	2.448	2.644	1.024	34
Serv. Ind. Utilidade Pública	2003	1	42	49	49	172	113	6
	2004	0	42	61	61	169	105	2
Construção Civil	2003	3	188	133	133	138	96	4
	2004	9	270	213	213	194	147	4
Comércio	2003	162	2.556	1.607	1.607	951	333	25
	2004	210	2.838	1.776	1.776	1.022	401	22
Serviços	2003	161	1.764	1.682	1.682	2.380	1.053	72
	2004	168	1.832	1.807	1.807	2.413	1.073	65
Adm. Pública	2003	1	249	365	365	1.262	714	34
	2004	0	203	397	397	1.389	813	40
Agropecuária	2003	6	173	145	145	184	97	11
	2004	9	215	181	181	256	141	11

Fontes: Elaboração Própria a partir de dados da Rais 2003 e 2004.

De acordo com a TAB. 4, a faixa de remuneração média de 1 a 1,50 salário detém o maior número de empregados com destaque para o comércio, nos anos em estudo. A segunda faixa com maior número de pessoas ocupadas é a de 2 a 3 salários com destaque para a indústria de transformação. Nota-se que o setor com a melhor remuneração é o de serviços, ou seja, nele os

indivíduos recebem mais de 20 salários. Esse resultado pode ser devido à atuação dos profissionais liberais de nível superior no setor. Entretanto, a menor faixa de remuneração também está em serviços com faixa de 0,5 salários pelo fato de empregar funcionários de serviços gerais de meio expediente.

TABELA 4

Distribuição dos trabalhadores segundo remuneração média

Período	Extração Mineral		Ind. de Transformação		Serv. Ind. Utilid. Púb.		Construção Civil		Comércio		Serviços		Adm. Pública		Agropecuária	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
Até 0,50	0	0	24	41	2	0	0	1	58	71	172	176	9	6	0	4
0,51 a 1,00	3	5	221	203	4	2	56	45	192	210	708	693	70	43	147	170
1,01 a 1,50	99	89	2.529	2.959	135	99	279	370	4.788	5.201	3.275	3.415	1.689	1.310	415	525
1,51 a 2,00	34	69	2.955	3.192	111	86	170	193	1.146	1.316	1.846	1.679	815	1.033	146	156
2,01 a 3,00	39	48	2.983	3.714	218	157	168	290	836	879	1.402	1.594	755	1.053	82	131
3,01 a 4,00	17	18	970	1.298	37	124	52	104	220	272	752	813	251	313	24	35
4,01 a 5,00	2	2	541	579	11	20	25	57	97	121	470	452	152	143	15	14
5,01 a 7,00	4	4	404	526	3	11	19	39	98	131	577	572	52	56	24	26
7,01 a 10,00	0	0	301	362	7	10	3	12	39	61	417	402	66	76	10	10
10,01 a 15,00	1	2	143	203	3	3	2	3	15	12	299	302	14	34	7	11
15,01 a 20,00	0	0	45	57	1	0	1	0	1	3	154	167	24	25	3	2
+ 20	0	0	76	83	1	1	1	1	1	1	151	161	8	9	8	11

Fontes: Elaboração Própria a partir de dados da Rais 2003 e 2004.

Por fim, segundo dados da TAB 5, a predominância do mercado de trabalho quanto à escolaridade é de segundo grau completo. Em 2003, o setor que mais empregou esse tipo de profissional foi o de serviços seguido do comércio e indústria de transformação. No entanto, em

2004, a indústria superou o comércio em termos de pessoas com escolaridade de 2º grau. A mão-de-obra analfabeta ficou concentrada na indústria de transformação, na siderurgia local.

TABELA 5
Distribuição dos trabalhadores por grau de instrução

Variáveis	Extração Mineral		Ind. de Transforma		Serv. Ind. Utilid. Púb.		Construção Civil		Comércio		Serviços		Adm. Pública		Agropecuária	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
Analfabeto	5	4	55	40	7	5	3	2	11	16	16	11	0	0	13	12
4. Ser Incomp.	16	22	887	793	108	105	54	31	123	135	214	168	180	179	116	160
4. Ser Comp.	57	54	2.003	2.165	164	143	187	164	498	527	887	707	561	624	314	339
8. Ser Incomp.	53	79	2.180	2.512	78	81	171	272	1.166	1.095	1.133	1.131	238	223	181	241
8. Ser Comp.	31	35	1.848	2.240	43	50	171	335	1.555	1.610	1.399	1.541	292	329	77	124
2. Gr. Incomp.	19	18	1.041	1.350	21	22	53	86	1.050	1.179	790	898	93	86	51	51
2. Gr. Comp.	13	23	2.568	3.562	87	83	112	200	2.838	3.468	3.525	3.649	1.371	869	76	116
Sup. Incomp.	1	1	310	361	3	6	10	13	113	132	267	317	56	26	7	8
Sup. Comp.	4	5	300	326	22	19	15	19	137	138	1.992	2.036	1.114	1.769	46	49

Fontes: Elaboração Própria a partir de dados da Rais 2003 e 2004.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise descritiva realizada, observaram-se algumas evidências relevantes. No que tange aos atributos pessoais, constata-se que a mão-de-obra feminina tem menor participação no mercado de trabalho que a mão-de-obra masculina. Além disso, o valor do rendimento

médio delas é menor que dos homens.

No que tange ao setor de atividade, observa-se que a maioria dos trabalhadores setelagoanos está ocupada na indústria, recebendo, em média, renda inferior ao setor de serviços, segunda ocupação de maior importância na região, na siderurgia local.

Esta publicação é editada pela Faculdade de Ciências Gerenciais do Centro Universitário de Sete Lagoas - UNIFEMM e Fundação Educacional Monsenhor Messias

Reitor do UNIFEMM:

Antônio Fernandino de Castro Bahia Filho

Presidente da Fundação Educacional Monsenhor Messias:

Adélio Araújo de Faria

Diretor da FAGE:

Jaime Borato

Coordenador do Curso de Administração:

José Augusto Vasconcelos Marques

Coordenadora do Curso de Ciências Contábeis:

Myrtes Buenos Aires García Veloso

Coordenadora do Curso de Ciências Econômicas:

Cynara Magalhães Pinto Godói Quintão

Coordenadora do Núcleo de Publicações:

Ziléa Barbosa de Freitas e Maria Luiza Campolina França

Revisão:

Maria Luiza Campolina França



UNIFEMM

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE SETE LAGOAS

Av. Marechal Castelo Branco, 2765 . Santo Antônio . Sete Lagoas MG

CEP: 35.701-242 . Telefone:(31) 3773 2022 • Fax: (31) 3773 8911

www.unifemm.edu.br